

PLACAR

REPORTER
EDITOR

OS TIMES,
OS ESQUEMAS E OS
SEGREDOS
DESTE ROBERTÃO

REVISTA ESPORTIVA SEMANAL DA EDITORA ABRIL • NÚMERO 27 • 18/SETEMBRO/1970 • Cr\$ 1,50

LOTERIA ESPORTIVA

**TUDO
SÓBRE
OS
AZARES
DO 16º
TESTE**

**A CÔRES,
SÃO PAULO,
O CAMPEÃO**



**EXCLUSIVO
Aimore
entrevista
Zeze**

**O BOLÃO AGORA JÁ
É INTERNACIONAL**

**Temos um palpite
de lógica
e outro de
azar para você**

**Flamengo está brigando
com Iustrich**

AGORA, VAMOS ÀS ÚLTIMAS DECISÕES



TESTE 15, UMA NOVA SURPRESA

Jôgo 1: vitória do São Paulo. 2: empate. 3: empate. 4: vitória do Atlético. 5: empate. 6: empate. 7: vitória do Valério. 8: vitória do Fortaleza. 9: vitória do Cotingüiba (zêbra). 10: vitória do União. 11: vitória do Avaí. 12: empate. 13: vitória do Santa Cruz (zêbra no sorteio; o jôgo foi adiado).

Estes foram os resultados do teste n.º 15 do Bolão, realizado nos dias 12 e 13. Surpreendentemente, o prêmio foi menor que o do teste n.º 14. Nas páginas 13 a 21, conheça o teste 16.

Estádio do Morumbi (SP), domingo, 13 de setembro de 1970: os jogadores do São Paulo, já sem camisa, dão a volta olímpica no campo, enquanto a alegria dos são-paulinos se espalha pelo ar, nas três côres de seus milhares de bandeiras, que se agitam pelas arquibancadas, cadeiras e gerais. Era a festa que comemorava a conquista do título de campeão.

Paranaguá (PR), 13 de setembro de 1970: os jogadores do Atlético Paranaense, já sem camisa, se abraçam em campo, pulam, gritam e abrem os braços para oferecer à sua torcida uma alegria que ela não via há doze anos.

Assim foi a beleza do nosso futebol, neste fim-de-semana.

O São Paulo comemorava seu campeonato com uma vitória sobre o Corinthians enquanto em Paranaguá todo o time do Atlético Paranaense chorava abraçado no meio do campo: o Atlético voltava a ser campeão depois de doze anos e garantia sua entrada no Robertão. Agora, com o Atlético Mineiro preparando sua festa contra o Cruzeiro, só falta saírem mais dois campeões: no Rio, onde a chance está mais para o Vasco, e no sul, onde o Inter está acima do Grêmio.

Reportagens de Michel Laurence (São Paulo); Teixeira Heizer e Aristélio Andrade (Rio); Arthur Ferreira (Belo Horizonte); Divino Fonseca (Porto Alegre) e Carlos Maranhão (Curitiba). Fotos de Manoel Motta, Lemyr Martins e Sebastião Marinho (São Paulo); Fernando Pimentel, Paulo Néri e João Rodrigues (Rio); Célio Apolinário (Belo Horizonte); Assis Hoffmann (Porto Alegre) e Sérgio Sade (Paraná)



A bola entra, Silva pula, o Vasco está mais perto.



Cai o América. O Vasco nunca foi tão Vasco.

RIO: LÁ VAI O VASCO

Sensibilizado pelos gritos de "Vas-cô!" de sua torcida, inspirado pela sabedoria de Tim e impulsionado para a frente pela aplicação da maioria de seus jogadores, notadamente Silva, o Vasco sustentou a liderança do Campeonato Carioca ao vencer o América — que se despediu da luta pelo título — e manteve a diferença que o separa do Fluminense (dois pontos) e Botafogo (quatro pontos).

O jôgo foi sofrido para o Vasco, que abriu a contagem quando Silva se aproveitou de uma falha do zagueiro Aldeci. O lance de

gol de empate surgiu de outra falha, do zagueiro Renê, que da sua intermediária encobriu o goleiro Andrada, marcado contra sua própria meta.

"Renê fez o gol que Pelé vem tentando desde a Copa do Mundo", foi o desabafo de alguns torcedores vascaínos diante do pior. Foi no gol de Renê que o Vasco se desequilibrou, permitiu até que o América passasse a dominar o jôgo.

Depois, veio o lance do segundo gol, uma falta bem cobrada por Gilson Nunes. Só que Valfrido estava impedido quando recebeu a falta.

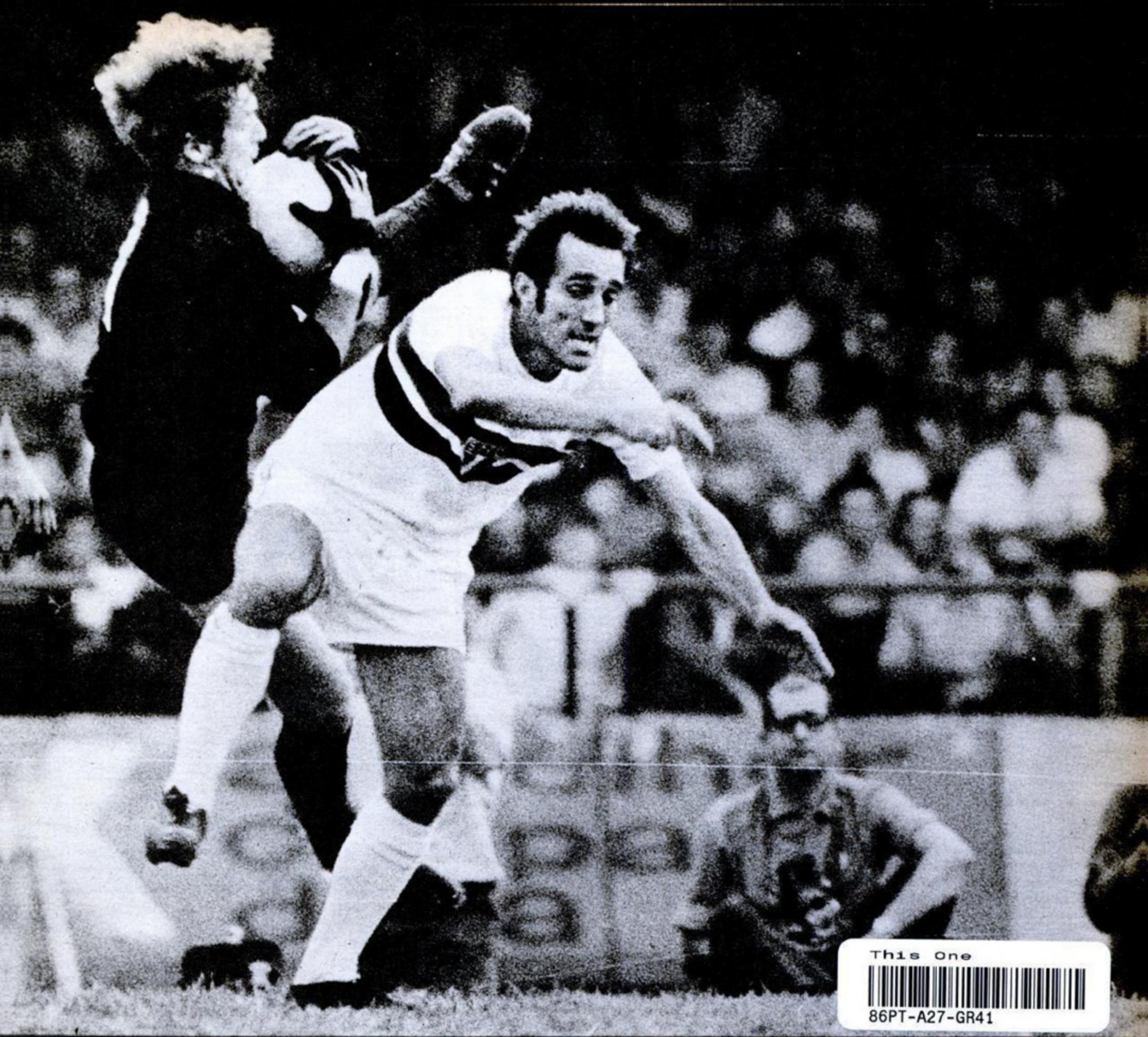
— Por muito menos, há gente na cadeia. (Oto Glória, comentan-

do a arbitragem de Arnaldo César Coelho e seus auxiliares.)

O gol foi o calmante que recolocou as coisas nos seus devidos lugares. Surgiu outro Vasco: aplicado na defesa, inteligente no meio-campo, vibrante no ataque, com Silva sempre talentoso. Foi êle quem marcou o terceiro gol.

"Ai, ai, ai/Está chegando a hora", festejava a torcida do Vasco, gozando a vitória e a despedida do América.

Mas o América deu uma lição de luta e humildade. Atacou quando pôde e, afinal, aos 39 minutos, marcou seu segundo gol. A torcida do Vasco aprendeu que o caminho para o título também é feito de ansiedade e sofrimento.



This One



86PT-A27-GR41

Toninho, o homem do gol, o homem da luta, um espelho do São Paulo, time que merece o seu título e teve sua grande festa.

Na preliminar, para alegria dos vascaínos, o Fluminense sofreu muito, só respirou no último minuto do jogo, quando Armando Marques descobriu um pênalti que liquidou o Campo Grande. Tudo começou fácil para o Fluminense, mas o Campo Grande abriu a contagem. A partir daí, o vice-líder se perturbou. No segundo tempo atacou muito, perdeu gols e mais gols, mas afinal encontrou o caminho do empate e da vitória.

Na noite de sábado, o Botafogo venceu o Flamengo por 3 a 0; um Flamengo sem inspiração, com um único tipo de jogada (os centros altos para a área, onde não há ninguém para aproveitá-los). No final, a torcida rubro-negra vaiou

Iustrich e a botafoguense manteve suas ilusões a respeito do título que, se está difícil, matematicamente ainda é possível.

VIVA O SÃO PAULO

O São Paulo mereceu. Mostrou isso no jogo de domingo, vencendo o Corinthians (1 a 0, gol de Paraná) no Morumbi. O São Paulo é um digno campeão.

Tem um técnico que consegue, como poucos, dar toda a dignidade que seu cargo exige. Além disso, Zezé Moreira, na sua seriedade, na retidão de caráter que sempre demonstrou através de toda sua longa carreira, sabe deixar a glória do título para os jogadores. Foi

um homem que, na hora dos festejos, das faixas, das flôres, dos aplausos da torcida, manteve-se sempre afastado, deixando que os jogadores fossem os deuses do estádio. É preciso ter muito equilíbrio para numa hora dessas não se deixar levar pelo entusiasmo. E é preciso reconhecer que Zezé Moreira teria todo o direito de se deixar levar por essa alegria. Ele encontrou um São Paulo ridicularizado, um time sem moral, e transformou-o num campeão em menos de sete meses de trabalho.

Essa foi a resposta do técnico que através dos anos nada mais fez do que dar dignidade à sua profissão. Dignidade, sabedoria e dedicação.

É um time onde jogadores como Gérson e Toninho encontraram seu lugar, sem perder o contato com as vitórias a que estavam acostumados em seus antigos clubes. Gérson soube mostrar, com o seu futebol lindo, que tudo o que se dizia sobre sua contrariedade em permanecer em São Paulo era mentira. Dedicou-se, matou-se em campo, conquistou a torcida com sua genialidade. E repetiu a história de Zizinho, em 57, com todas as coincidências.

Toninho provou a muita gente — e, mais importante do que isso, a si mesmo — que é goleador nato. Um homem como poucos para sentir a hora de entrar /segue

no caminho do gol e marcar. Esqueceu que por muitos anos foi no Santos o companheiro ideal de Pelé e marcou os gols que lhe restituíram a confiança.

Jogadores como Édson, de personalidade, que encontrou o time certo para jogar. Um time em que a personalidade de um homem não é afogada pela força e desinteligência de diretores.

Jogadores como Terto, Paulo, Jurandir, que parecem colocar todo o coração num jogo. Como Forlan, que veio de longe para mostrar amor por uma camisa, como há muito tempo não se via. Como Gilberto, menino com toda a categoria necessária para ser um grande ídolo.

Tem uma diretoria equilibrada, que planejou tudo, passo a passo. O São Paulo mereceu.

E A FESTA DO GALO?

O Atlético queria muito comemorar a conquista do título de campeão mineiro de 70, depois de vencer o Atlético de Três Corações, há duas semanas, mas não conseguiu: caiu um pé-d'água em Belo Horizonte. Depois, tentou comemorar no jogo contra o América, mas não pôde: houve briga em campo, o América quis retirar seu time e teve jogador preso.

Agora, os atleticanos pretendem comemorar ainda com mais intensidade esse título: querem comemorar em cima do Cruzeiro, domingo que vem, dia 20.

A torcida do Atlético está numa grande expectativa, mas também bastante desconfiada: o Cruzeiro anda muito preocupado em ganhar dinheiro e treinar seu time pelo interior do Brasil. Apesar das promessas do diretor Carmine Furletti de que vai colocar em campo Tostão, Piazza, Dirceu Lopes, Fontana, Zé Carlos, e talvez Brito, um sangue com gosto de guerra anda subindo pelas veias dos atleticanos: eles temem a velha rivalidade, acham que o Cruzeiro vai jogar com os aspirantes, só para estragar a festa.

A diretoria já se reuniu três vezes e o técnico Telê já preparou dois times: o titular e um misto, formado por aspirantes, juvenis e até infante-juvenis. Se o Cruzeiro entrar com os cobras, Telê põe os seus em campo. Caso contrário, entra o misto.

— Palavra de cruzeirense em véspera de clássico não merece fé — diz Fábio Fonseca, diretor do Atlético.

— Jogaremos contra o Atlético com o time completo. Brito pode até estrear. Não nos importa perder ou não os pontos (Brito não tem condições de jogo). Só não vamos perder a partida — garante Carmine Furletti, diretor do Cruzeiro.

E, nesse clima de guerra que antecede o maior clássico de Minas, ninguém presta atenção ao time misto do Cruzeiro que vai dispu-



O Atlético Paranaense esperou doze anos para pular nesta alegria.

tando o Campeonato: domingo, dia 13, ele pegou o Fluminense de Araguari no Mineirão e ganhou de 4 a 0. O Fluminense é o time que quase derrotou o Atlético.

HÁ GUERRA NO SUL

No sul chegou o tempo em que Grêmio e Internacional pensam em ganhar de qualquer maneira. Os torcedores aplaudem até as jogadas erradas, já não valem mais. Os diretores oferecem bichos aos jogadores dos outros clubes, cada ponto vale milhares de cruzeiros.

O Grêmio luta, mas o Internacional parece o mais capaz de ganhar. É um time calmo, certo de sua força. Exemplo: Dorinho, o craque do time, ganhou um descanso, Canhoto entrou e o time continuou o mesmo. O técnico Daltro Meneses já não se impressiona com a torcida, faz as substituições que entende necessárias.

Foi o que aconteceu domingo, contra o Flamengo, quando por

duas vezes, através de substituições, Daltro mudou a maneira de jogar do Internacional.

Bem que o Flamengo tentou complicar o trabalho do Inter, jogou fechado na esperança de garantir um empate. Não se abriu nem mesmo depois de sofrer o primeiro gol. Mas o Internacional ainda marcou o segundo, no último minuto de jogo. Tranquilo e corajoso o Internacional.

O Grêmio é apenas corajoso. Sem calma, deixou em Nôvo Hamburgo um ponto que pode significar a morte de todas as suas pretensões ao título. Tudo porque seu time não teve paciência suficiente para enfrentar o Nôvo Hamburgo.

Quando viu que o zero a zero era quase inevitável, o técnico Carlos Fronner mudou inteiramente as características do time. Tirou Jadir, centro-médio de combate, e colocou Paíca, que só ataca. Tirou o clássico Joãozinho e colocou Loivo, completando um ataque só de raçudos, corredores, um ataque louco: Flecha, Alcindo, Volmir e

Loivo. Todos sendo mal lançados por Everaldo, um grande lateral, mas decididamente um apoiador apenas comum.

Agora, o Grêmio tem de ganhar o Gre-Nal de domingo. Ainda lhe restarão dois jogos fora de casa, ao passo que o Internacional só terá um, e mais dois no Beira-Rio, que dificilmente perderá.

O empate do Nôvo Hamburgo custou Cr\$ 6 000,00 ao Internacional, prêmio que ele ofereceu por ponto que fosse tirado do Grêmio. Este, por sua vez, havia oferecido o mesmo. Foi mais infeliz que seu rival: nada pagou.

LÁGRIMAS NO PARANÁ

Quando o jogo acabou em Paranaguá, com o Atlético goleando o Seletor por 4 a 1 e voltando, depois de doze anos, a ser campeão paranaense, a torcida que tomou o pequeno Estádio Orlando Matos invadiu o campo e todos choraram.

Chorou o técnico Alfredo Ra-



Palmeiras 1, Portuguesa 1, sábado. Palmeiras e Ponte, os vice.



O empate com o Nôvo Hamburgo pôs o Grêmio atrás do Inter.

mos, chorou o presidente Passerino Moura; chorou Sicupira, hoje o maior ídolo do Paraná; chorou Júlio, chorou o menino Liminha e houve até quem visse o velho Djalma Santos tentando esconder as lágrimas que teimavam em escorrer-lhe pelo rosto.

— O Atlético é o clube do coração, do amor, da garra. Ganhamos a luta do tostão contra o milhão.

Foi assim que o presidente conseguiu definir a vitória do seu time, que no início do ano enfrentava uma situação tão ruim que até donativos chegaram a ser pedidos nas ruas.

Foi a vitória do *tostão* sobre o *milhão*, porque segundo informações dos próprios dirigentes do Coritiba, eles gastaram mais de Cr\$ 800 000,00 na tentativa de conseguirem o tricampeonato, enquanto o Atlético foi formando a equipe aos poucos.

No princípio, o time era tão fraco que ficou longe dos três primeiros de seu grupo, os quais se

classificariam para a fase final do Campeonato contra os três primeiros do outro grupo.

O Atlético chegou a ficar tão mal que sugeriram que a Federação aumentasse o número de classificados de seis para oito. Mas o Ferroviário (estava seis pontos na frente do Atlético) rejeitou essa proposta. Aconteceu que no fim dos turnos de classificação, o Atlético entrou entre os seis e o Ferroviário não conseguiu.

Foi por esse sofrimento todo que, quando o juiz Eraldo Palmérine terminou o jogo, o campo do Estádio Orlando Matos transformou-se no palco da maior felicidade de uma torcida, que completamente entusiasmada tirava camisas, calções, chuteiras dos jogadores e até o número quatro do marcador para guardar como recordação.

Nesse momento Alfredo Ramos entrou no vestiário, sentou-se, colocou as mãos no rosto e chorou. Chorou por ver o Atlético, o time do *tostão*, campeão.



tiro livre

O QUE É QUE O BAHIA TEM ?

Domingo começa a Taça de Prata. A melhor festa do nosso futebol, o embrião para o Campeonato Nacional — o caminho mais certo a ser percorrido quando se quiser salvar do eterno deficit financeiro o futebol tricampeão do mundo —, o desfile elegante das nossas melhores equipes. Em resumo: domingo começa o torneio onde cabem todos os elogios.

E, para uma festa como essa, digna de provocar inveja a qualquer outro futebol, meio para se ganhar muito dinheiro, satisfazer torcidas e divulgar ainda mais o já incontestado valor de nossos jogadores, seria natural, seria correto que tudo já estivesse preparado. Que cada detalhe, depois de estudado, já tivesse sido resolvido. Mas não está acontecendo assim.

É verdade que os clubes participantes já foram escolhidos, o regulamento já foi divulgado e a tabela já foi feita. É verdade até que a CBD, pela palavra de Antônio do Passo, diretor do Departamento de Futebol, mereceu elogios quando reconheceu os direitos da Ponte Preta — ganhos dentro do campo, da forma mais limpa — e rechaçou as propostas escusas formuladas pela Portuguesa de Desportos, querendo ganhar nos bastidores, com ameaças, o direito que não soube garantir dentro do campo — único lugar onde se deve alcançar glórias, falando-se de futebol.

Mas a lamentável verdade é que, se Antônio do Passo deu uma no cravo, não deixou, para não perder o costume, de dar outra na ferradura.

Referimo-nos à esdrúxula indicação do Bahia. Não que sejamos contra a sua participação. Longe de nós tal idéia. Sempre reconhecemos seus lúdicos direitos, ganhos, é verdade, um pouco no campo de luta, um pouco no gabinete, onde a amizade e a política somam muitos pontos.

Somos contra, isso sim, a indefinição, a maneira como

a CBD encarou a questão, não procurando resolver o problema de maneira adequada.

É princípio elementar que qualquer clube, para pretender disputar a Taça de Prata, precisa preencher certos requisitos: boa técnica (classificar-se entre os primeiros no seu campeonato); boas rendas (além do campeão, os outros times escolhidos nos Estados são indicados por renda); estádios à altura do futebol que se vai apresentar.

Fiquemos por aqui. Deixemos de lado a possibilidade de o Bahia poder ou não apresentar um bom quadro. Vamos nos fixar nos outros dois pontos que, por sinal, estão intimamente ligados: bom estádio e boas rendas.

O Sr. Antônio do Passo, quando escolheu os Estados e os clubes que vão participar desta Taça de Prata, sabia que o melhor estádio da Bahia, o da Fonte Nova, não poderia ser usado e que os outros não apresentam os mínimos requisitos exigidos. Tentou resolver o problema deslocando o mando de jogo para Sergipe e cometeu um grande erro — mais um deles.

Se a Taça de Prata visa, entre outras coisas, conseguir boas rendas para os clubes disputantes, como poderia esperar o Sr. Passo que os sergipanos fôssem dispor dos seus trocados para ver o Bahia jogar em sua casa, no seu Batistão? Que interesse poderiam ter ou terão os jogos do Bahia longe de sua torcida, em campo neutro? Sem um estádio à altura e sem possibilidade de boas rendas em campo neutro, não seria mais inteligente escalar outro clube, de outro Estado, deixando o Bahia, desta vez, de lado? Por que não um clube do próprio Sergipe, ou o América Mineiro, ou a própria Portuguesa? Por que não?

Peça que nunca teremos respostas diretas para perguntas como estas. Elas são difíceis demais.

José Maria de Aquino



Na semana passada, exatamente no dia 9 deste mês, um time de camisa branca, preta e vermelha entrou no pequeno estádio do Guarani, em Campinas, para deixar sua marca de campeão e sair dali como um dos maiores exemplos de organização e trabalho. Houve justiça neste título: São Paulo, Campeão Paulista de 70.

Reportagem de Pio Pinheiro
Fotos de Sebastião Marinho e Lemyr Martins



DEU SÃO PAULO, EIS OS MOTIVOS

SÃO PAULO, CAMPEÃO DE 70



DIACAR

Em pé: Gilberto, Sérgio, Dias, Édson, Jurandir e Forlan.
Agachados: Paulo, Terto, Toninho, Gérson e Paraná.



VOCÊ CONHECE CARVALHAES, O CAMPEÃO?

O grito de vitória explodiu, forte e violento, em tôdas as partes do campo. Um mar de bandeiras tricolores se ergueu, frenético, cobrindo de festa o pequeno Estádio Brinco de Ouro da Princesa, em Campinas (SP). Eram 23 horas do dia 9 de setembro: o São Paulo tornava-se o Campeão Paulista de 1970. Era o fim de uma longa espera de treze anos.

— Nós merecemos esta conquista. Este título tinha que ser do São Paulo. (Zezé Moreira, técnico do time.)

Por que o São Paulo merecia ganhar? O que fez este clube para acabar com suas inexpressivas campanhas dos últimos campeonatos e surgir, de repente, com um futebol nôvo e uma força de grande campeão?

Antes de mais nada, a vitória do São Paulo foi a vitória da fé. Fé de um grupo de homens que acreditaram num plano de trabalho diferente, dinâmico e muito realista, onde não havia lugar para sonhos. Ali só cabia a consciência do futebol moderno e dos seus novos rumos. O São Paulo tomou um destes caminhos.

A fórmula parece simples: união entre os jogadores + amizade + grande conhecimento do que é o futebol + ausência de complexos e vícios. Resultado: um time preparado para ser campeão, ou, pelo menos, para ter condição de disputar o título.

Um dos principais responsáveis pelo sucesso do São Paulo, o homem que tem um bom pedaço dessa conquista, é também quem menos aparece, quem nunca sai nos jornais, e nunca está nas horas de glória.

João Carvalhaes, psicólogo, conselheiro, amigo, um preparador de jogadores, este é o homem. Aquê que, antes e durante o Campeonato, tinha sempre uma conversa com a equipe, tôdas as semanas.

UM TIME SEM MÊDO

E era nessas conversas que os jogadores do São Paulo, principalmente os mais novos, se libertavam de seus medos e complexos, para entrar em campo cada vez mais confiantes em seu futebol.

Qual a importância do psicólogo num time de futebol?

— O Professor Carvalhaes foi tão importante para o São Paulo, como o foi para as Seleções Brasileiras de 58 e 62. O professor desinibiu muitos jogadores, deu-lhes força moral e até coragem para discutir as jogadas e atuações do time com os mais experientes. O professor conseguiu unir o São Paulo. (Gérson.)

— Um bom time se faz fora do campo, com confiança e amiza-

de, com união entre os jogadores. E o Professor Carvalhaes é o responsável por isso. Mesmo nós, os mais velhos, sabemos a importância desse trabalho. (Dias.)

— Ele me ensinou a não tremer em campo, a ver os companheiros com igualdade. Para mim, para o Gilberto, o Toninho II, enfim, para os mais jovens, o Professor Carvalhaes foi realmente a pessoa mais importante. (Paulo.)

Isto explica por que Paulo, ponta-direita nôvo, inexperiente, quase desconhecido, já chegou a campeão paulista. Mas o Professor Carvalhaes não vê segredos nestas coisas:

— Tudo o que faço é ajudar os jogadores a ficarem em paz consigo mesmos, para que possam jogar todo o futebol que sabem. É como se fôsse uma psicoterapia de grupo.

Depois do trabalho do professor, vem o trabalho de Zezé Moreira, técnico calmo, muito tranqüilo, que sempre fala pouco e não gosta de contar suas idéias sobre o futebol. Apoiado no trabalho de Carvalhaes, Zezé lançou Paulo e Gilberto definitivamente, sem perigo nenhum de queimá-los.

O NÔVO TIME

— Este Campeonato tinha que ser do São Paulo, por merecimento. Fomos o time mais regular, e ainda provamos nossa boa condição ganhando do Santos duas vezes. E note uma coisa: o São Paulo, dos grandes, foi o time que apresentou menor número de estrelas, o que teve menos jogadores famosos. Isto significa apenas uma coisa: nós soubemos lançar os novos. (Zezé.)

No Morumbi, todos têm a mesma opinião: o São Paulo ganhou o título graças à sua preparação técnica e psicológica e à grande união que existe agora entre todos os jogadores.

Láudo Natel, presidente do clube, futuro governador do Estado, quase não conteve as lágrimas no dia da vitória. Para êle, como presidente, foi a realização total. Isto por que o São Paulo conseguiu ser campeão no ano da conclusão do Morumbi, o maior estádio particular do mundo.

— Agora, já posso pendurar as chuteiras e dar meu lugar a dirigentes novos.

Mas uma coisa Laudo garante: este título será o começo de nova fase na vida do São Paulo. Sempre que possível, as grandes contratações continuarão sendo feitas, ao mesmo tempo em que os novos vão tendo suas oportunidades.

O São Paulo de hoje, o São Paulo campeão, já é outro time. Um time em que se pode ver Gér-

son, com a perna engessada e de bengala na mão, jogar tudo para cima e sair pulando numa perna só para abraçar seus companheiros, como fez depois do jôgo com o Guarani.

A torcida, o São Paulo entrega

este título, que todos acham que já merecia há muito tempo. E não é só: o São Paulo promete nôvo caminho de alegrias para seu nome e tradição.

— Este título, diz Toninho, o Guerreiro, foi apenas o começo.



Assim Gérson viu a decisão: gritando, ajudando, torcendo.



Assim Nenê, substituto de Gérson, comemorou. Foi muito bem.

Ele tem um título inédito e um desabafo a fazer

Como o mundo dá voltas. Sou campeão, artilheiro, e tenho um título que nem meu amigo Pelé tem. Sou tetracampeão paulista, coisa que só o Paulistano conseguiu, quando o futebol era amador.

E agora eu. Imagine só: tetracampeão. Não é mole.

Nem acredito. Um mês e meio atrás não podia sair nas ruas de Santos nem para levar minha filha Greice à praia. O pessoal vinha logo falar comigo. Eu tinha que ouvir sempre as mesmas brincadeiras.

— Você fez mal em sair do Santos. Nunca mais vai conseguir um título.

— Como é? Sem Pelé não faz mais gols?

Estava na pior. Desanimado mesmo. Em campo nada dava certo, e isso acontecia com o São Paulo inteiro. Meus motivos ninguém via. Não se lembravam da minha dispensa da Seleção, da briga com o Santos para receber meu dinheiro. Observavam apenas os gols que não saíam.

O mundo foi virando e a sorte voltou. Os gols foram surgindo, o São Paulo ganhando e eu me tornando o artilheiro. Bati até pênalti, coisa que não fazia. Provei que não sei fazer gols apenas ao lado de Pelé, provei que sei fazer gols por mim mesmo.

Hoje falam que sou um craque. Afinal sou campeão e artilheiro. Tem mais, ganhei na justiça a briga com o Santos e vou receber meu dinheiro. Com ele, mais o prêmio pelo Campeonato e o que ainda vou ganhar no Robertão, minha vida vai ficar em dia, tranqüila.

Não posso reclamar do futebol. Um sujeito como eu, caipira de Bauru, tem seus sonhos, é claro. Mas nunca imaginei que fôsse ter o que tenho hoje. Tudo por causa do futebol. Se não fôsse ele seria mais um sujeito comum. O futebol me deu tudo o que tenho. Até minha única mágoa. Treze ou catorze anos de futebol, de briga na área e de gols, não conseguiram me fazer jogar na Seleção. Sempre aconteceu alguma coisa para atrapalhar. Agora, com 28 anos, será que ainda posso sonhar com a Seleção?

O Santos me acostumou mal. Vencer, ganhar sempre, era quase rotina. Os títulos já não tinham graça. Isso eu recuperei, ser campeão agora foi uma alegria enorme.

No meio dela eu sinto que devo falar a respeito das pessoas que ajudaram o São Paulo a ganhar. Falar do Professor Máfia, o preparador físico que faz um trabalho sério, planejado. Em cada corrida de um jogador em campo, em cada pique, havia um pouco do trabalho do professor.

O Terto, que todos se espantaram em ver correndo, caindo para as pontas, me abrindo caminho pa-

SOU TONINHO, O TETRA

Depoimento a Narciso James



Diziam que só fazia gols por causa de Pelé. Diziam tudo dêle.

ra o gol. O Terto é um exemplo do trabalho do Professor Máfia.

O Professor Carvalhaes. Seus papos com a gente ajudaram muito a transformar o São Paulo. Deixamos de ser um time nervoso, com medo da responsabilidade. Querem ver só? Um exemplo:

Nosso jôgo com o Guarani, em Campinas. Jôgo decisivo, duro. E nós sem o Gérson. No entanto, entramos em campo como se fôsse um jôgo qualquer. Entramos seguros, para ganhar. E ganhamos.

Acho que só um time, além do São Paulo, teria essa tranqüilidade: o Santos, assim mesmo por causa dos seus títulos, com os jogadores acostumados a vencer, e pela experiência de todos êles.

Como a vida é gozada. O título que mais festejamos no Santos foi o de 67, o primeiro do meu tetra. O título parecia perdido, tudo parecia perdido e o São Paulo parecia o campeão.

De repente, aquêle gol de Benê, do Corinthians, e nós ficamos de nôvo na frente. Iamos decidir com o São Paulo. E numa decisão o Santos sempre entra com metade do jôgo ganho.

Era uma noite de quarta-feira, no Pacaembu. O jôgo estava bonito, corrido. Pelé chutou uma bola e eu fui atrás dela. Picasso saiu do gol e nos chocamos. A bola sobrou para o Edu, que fez o primeiro.

Pelé estava impossível. Deu um chapéu no Belini, passou pelo Jurandir e, quando Picasso saiu do gol, êle deu para mim, livre. Naquele gol, a alegria de vencer foi maior do que nunca. Parecia que nós, do Santos, estávamos ganhando pela primeira vez.

O Babá fez o gol do São Paulo, no fim, mas o título era mesmo do Santos. Como foi o de 68 e o de 69.

Desde 62, quando cheguei ao Santos, ganhei muitos títulos. Fui seis vêzes campeão paulista, cinco vêzes campeão brasileiro, bicampeão mundial interclubes, campeão três vêzes no Robertão e Rio-São Paulo, em torneios, pequenos campeonatos, até perdi a conta. Viajei pelo mundo e vivi tanto futebol e tantas vitórias, tantos gols, que tinha perdido a alegria dêles.

O reencontro foi no São Paulo.

A beleza do gol pode ser vista de dois modos. Um, pela torcida, que prefere o gol trabalhado, de vários dribles e finalização perfeita. O outro é o lado do jogador. Para mim, meu gol mais bonito e importante foi feito êste ano, contra o Santos.

Carlos Alberto fez falta em Paraná e a bola foi levantada na área. Estávamos eu, Pelé e Djalma Dias. O Djalma foi rebater e a bola ficou no ar. Estava de costas para o gol e dei de bicicleta. Foi o gol do empate. Depois fizemos outro, mais outro, e ganhamos o jôgo. Acho mesmo que ganhamos o título naquele jôgo.

Almoré Moreira, consultor técnico de Placar, entrevista o

TODOS VIRAM GÉRSO

Almoré — Depois dos parabéns, vou te confessar uma coisa. Eu não acreditava muito no seu time. Sem aquele negócio de dizer que quando se ganha não se deve analisar nada, considerando-se tudo como muito certo, diga-me: você sentia que chegaria ao título?

Zezé — Olha, Zico, eu ia dizer exatamente isso, que quando se ganha tudo está certo. Mas para você vou contar. Eu também não podia, conscientemente, pensar em ganhar esse título sem boa dose de sorte. No início achava que só ganharíamos depois de levar bem adiante o esquema de trabalho que fiz.

Almoré — Durante o Campeonato você chegou a sentir que poderia ganhar? Quando?

Zezé — O técnico que não acredita poder ganhar, treinando um time como o São Paulo, não está agindo bem, você sabe disso. Eu acreditava, mas não jurava conseguir. Acreditava, mas sabia não ter na mão um time naquelas condições ideais que fazem a gente só pensar em derrota nos dias de muito azar. O São Paulo ainda não é um time assim. Só senti, realmente, que tínhamos quase todas as chances, nesses últimos quatro jogos, depois da vitória contra o Botafogo em Ribeirão Preto. Dali para a frente tive aquela sensação de que o time estava se definindo. Não comentei com ninguém, mas o time tinha alcançado a maturidade necessária para chegar até o final. Não era a maturidade de um grande time. Do time definido para qualquer campeonato, para a gente sair dizendo por aí afora que tem um timão. Era a definição, a maturidade exigida para este Campeonato. Ainda falta muita coisa para ser feita.

Almoré — Diga Zezé: eu vi o Gérson na Copa, você também viu. Vimos o Gérson no São Paulo. Quem tem Gérson tem tudo?

Zezé — Tudo não. Com nenhum jogador a gente pode dizer que já tem o bastante, que tem tudo. Mas no São Paulo posso dizer que tendo Gérson eu tive muita coisa. Tive uma arma que funcionou de diferentes maneiras e sempre com grande precisão. Zico, você sabe que a gente tem que guardar alguns segredos, não contar nunca para os jornais e torcer para que os adversários não descubram. Gérson fez parte desse segredo e, que eu tenha percebido, só um técnico sentiu como eu o



No princípio, o título de campeão era visto com incerteza pelo técnico Zezé Moreira. Mas, aos poucos, jogadores como Jurandir, foto no alto, à direita, e Édson, acima, abraçado com Zezé, foram provando que o time merecia ser campeão. Isto ficou certo depois de ganhar do Botafogo.

estava usando. Para minha sorte, o esquema que ele armou para anular o meu não funcionou muito bem. Foi o Cilinho da Ponte Preta.

Almoré — Já sei. Eles se preocupavam com o Gérson e você desviava o jogo para outro setor. Como o Gérson, mesmo bem vigiado, sempre consegue jogar bem, eles não desconfiavam. Acertei?

Zezé — Com você não vale. Mas era isso mesmo. Você percebeu o papel que aquele garoto, Paulo, desempenhou no time? Quietinho, apenas um juvenil querendo ganhar a camisa que devia, para a torcida, estar com Jairzinho ou Rogério, ele obedecia a minhas ordens e quase sempre acabava sendo uma das peças principais no meu time. Enquanto eles se preocupavam com o Gérson, eram o Paulo e às vezes o Paraná que organizavam as coisas. Isso sem contar que o Gérson nunca



Gérson chamava os adversários, mas quem jogava era Paulo.

técnico campeão paulista de 70: Zezé Moreira, seu irmão

ZEZÉ FALA DE PAULO.



Um dia depois da vitória sobre o Guarani, Aimoré convidou Zezé para um almoço. Aimoré queria saber tudo sobre o São Paulo.

se prende a essas bobagens de ser vigiado o tempo todo. Vou até contar outro segredo. Quando Gérson se machucou e não pôde jogar contra o Guarani, falei para os jogadores, sem mentir, que a falta do Gérson iria nos beneficiar. Numa partida decisiva, como aquela, imaginei que o time pudesse ficar contando muito com o Gérson para decidir o jogo. Sem ele, cada um se mandaria pra luta. Acho que acertei. Mas voltando ao assunto. Tendo o Gérson eu tive uma grande ajuda. Você sabe que de fora a gente vê o jogo, mas nem sempre pode cantar as modificações que devem ser feitas. O Gérson enxerga isso dentro do campo e sempre arruma o time no momento certo.

Aimoré — Foi só por sorte que você ganhou esse Campeonato?

Zezé — Que é isso, Zico? A sorte só ajuda a quem trabalha. Minha sorte maior foi não ter nin-

guém contundido, não entrar naquela onda de contusões que acaba com o time.

Aimoré — Mas você, lá no México, depois daquela excursão quase fracassada, estava meio desesperançoso. Como foi que mudou tanto?

Zezé — Você se lembra? Cheguei a pensar que não ia dar para fazer o trabalho até o fim. Mas quando voltei, com a cabeça mais fria, analisei o time. Comparei bem as experiências feitas lá fora e tirei boas conclusões. Tínhamos perdido muitos jogos, mas o time estava se encontrando. Então decidi continuar usando as conclusões que tirei.

Aimoré — Que conclusões você tirou da excursão?

Zezé — Zico, o Robertão está aí, não vou entregar o ouro.

Aimoré — Você não precisa confirmar nem desmentir. Pode ficar calado, mas vamos ver se eu

cheguei à conclusão certa sobre seu time. Você deve ter percebido que contava com um ataque trabalhador, brigador, mas que não tinha muitos artilheiros. Isso você nunca poderia negar, porque os gols estão aí pra gente provar. Toninho era o único que sentia realmente o gol à sua frente. Ele era o artilheiro com quem você devia estar contando, assim mesmo vendo que ele perdia muitos gols. Terço brigava, segurava a defesa contrária, mas não decidia a última jogada. Paraná e Paulo não são goleadores. Estou indo certo? Daí, você deve ter sentido a necessidade de fazer gols também com o meio-campo e até com a defesa. Mandou Forlan, sempre que pudesse, ir tentar o gol, com o Paulo cobrindo sua avançada. Mandou o Édson entrar sempre pelo meio e por isso os dois acabaram marcando mais gols do que alguns atacantes. E você acertou com um

time que ainda não é lá o ideal.

Zezé — Também acho que ainda não é o time ideal. Está um pouco longe disso. Acho que ainda é um time *imberbe*, que precisa de alguns reforços, precisa aguardar o amadurecimento dos novos que estão sendo lançados e precisa contar com a recuperação do professor Carvalhaes.

Aimoré — Foi ele quem deu jeito de o Édson e o Gérson jogarem juntos, sem atritos?

Zezé — Não. Édson é um grande sujeito. É só saber tratar com ele. Os gritos que ele dá são gritos de quem não gosta de perder. Como o Gérson faz a mesma coisa, os dois só tinham que se entender. Agora chega, Zico. Não vá escrever que estou eufórico ou que meu time é o maior. Lembre-se do Robertão. Agora vou para a aula de direção. Estou tão animado que até vou comprar um carro e dirigir pela primeira vez na vida. ●

DIGITALIZAÇÃO E TRATAMENTO
GOOGLE

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ